



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Reflexões interseccionais a partir de narrativas (auto)biográficas de surdos professores de matemática

Thamires Belo de Jesus¹

Agnaldo da Conceição Esquincalha²

Resumo do trabalho: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de doutoramento em desenvolvimento que tem por objetivo compreender, a partir de indícios narrativos, como os percursos formativos e profissionais de surdos professores de matemática podem ser estabelecidos. Num primeiro momento apresento reflexões sobre as possibilidades do uso das narrativas, enquanto enfoque teórico-metodológico, no contexto da pesquisa sobre educação matemática e educação de surdos. Os dados foram produzidos por meio de entrevistas narrativas com três surdos professores de matemática: Hamilton, Nóbrega e Maria. Em seguida apresentamos reflexões iniciais das narrativas (auto)biográficas produzidas por surdos professores de matemática, destacando movimentos interseccionais identificados entre diferentes marcadores sociais como o isolamento acadêmico-profissional e classe social. Observamos, até o momento, que a surdez não posiciona os surdos em espaços marginalizados de forma homogênea, pois outras esferas sociais, como social e econômica, também contribuem para outras marginalizações. As narrativas (auto)biográficas têm possibilitado conhecer diferentes exclusões que atravessam os surdos professores ao longo da vida, uma vez que permitem que histórias de vida únicas sejam conhecidas.

Palavras-chave: surdez; matemática; interseccionalidade; narrativas (auto)biográficas.

O universo das narrativas

Narrar é uma ação natural do ser humano, independente do formato e característica da sua comunicação. Desde a infância somos estimulados a estabelecer comunicação com o meio onde vivemos, cada qual a sua maneira e no seu tempo. Nesse movimento, histórias de vida vão sendo produzidas, compartilhadas e, em alguns casos, registradas.

No que tange ao movimento de pesquisa, as narrativas podem ser utilizadas como método ou objeto, haja vista que enquanto método ela nos permite discutir, apresentar e dar sentido às experiências vividas por outros e, como objeto nos possibilita compreender as experiências vividas por quem nos narra (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

A pesquisa narrativa pode ser vivenciada, enquanto abordagem teórico-metodológica, em três dimensões: nas *fontes de dados* que reconhece o material narrativo como fonte de informações, no *registro do percurso* que configura o modo de produção dos

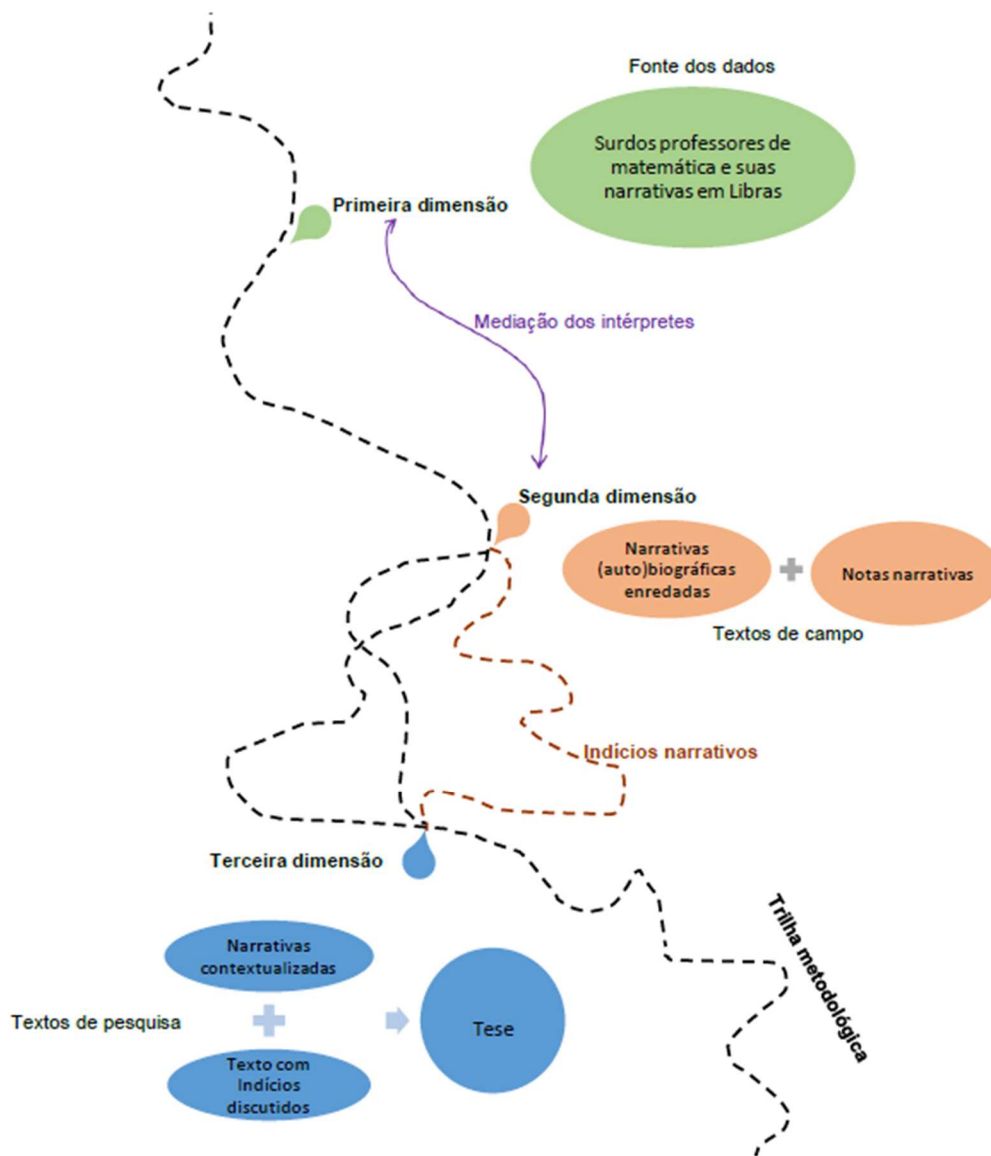
¹ Instituto Federal do Espírito Santo, thamiresbelo23@gmail.com.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, aesquincalha@gmail.com.



dados, e no *modo de produção de conhecimento* (SOLIGO; SIMAS, 2014). Nesta pesquisa, as três dimensões estão sendo vivenciadas e foram ilustradas na figura seguinte.

Figura 1: Trilha teórico-metodológica



Fonte – Dados da pesquisa (2022).

Na primeira dimensão, ilustrada em verde – olhamos para as fontes de dados. Essas fontes são constituídas dos surdos professores de matemática e seus depoimentos em Libras. Cabe destacar que existem outras fontes de dados que se localizam numa dimensão narrativa, como memoriais, histórias de vida, depoimentos escritos, entre outros.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Na segunda dimensão, ilustrado em laranja, realizei o registro do percurso. Nesta dimensão produzi os textos de campo, compostos pelas narrativas (auto)biográficas transcritas dos colaboradores e minhas notas narrativas. Neste momento em que as histórias de vida são transcritas e materializadas em narrativas (auto)biográficas, é inevitável que tenha um pouco de mim e dos intérpretes, pois as histórias de vida tiveram uma dupla interpretação-tradução. No momento das entrevistas narrativas, os colaboradores contaram suas histórias de vida por meio da Libras e os intérpretes, por sua vez, interpretaram as narrativas em Libras e traduziram para a língua portuguesa (modalidade oral) num processo de tradução simultânea. Num segundo momento eu, enquanto pesquisadora, transcrevi as narrativas em língua portuguesa (modalidade escrita), considerando dois aspectos: as narrativas verbais nas vozes dos intérpretes e as informações não verbais (expressões faciais e corporais) manifestadas pelos colaboradores. Num terceiro momento as narrativas transcritas foram enredadas e materializadas em narrativas (auto)biográficas

Já a terceira dimensão, demarcada na cor azul, é onde eu produzo os textos que emergiram da interpretação dos dados de campo. Aqui amplio a ação de acessar e enredar histórias e passo a compreendê-las dentro de suas singularidades e pontos de contato em diálogos com outras discussões no campo da educação matemática. É o momento de produzir e apresentar conhecimentos a respeito dos percursos formativos e profissionais de surdos professores de matemática.

É possível observar que a transição da segunda para a terceira dimensão é conduzida pelos indícios narrativos, lente escolhida para interpretar as histórias de vida narradas pelos colaboradores da pesquisa.

As trajetórias de vida construídas e narradas nos direcionam para entender a essência das pessoas e compreender que elas são tocadas pelas relações sociais de forma particular. Segundo Passeggi (2020) o movimento das narrativas se caracteriza como uma epistemologia do sul e pelo respeito e legitimidade a quem narra. Coloca-se a pessoa humana no centro das inquietações na busca de superar a generalização a partir de histórias singulares.

*As narrativas (auto)biográficas fornecem um material precioso para a investigação, desde que seus autores cedam material por eles produzido. Este material conduz a profusão de temas relacionados a processos *identitários*; *questões de gênero*; *inserção/inclusão/exclusão social*; *estresse laboral*; *estratégias de filiação*; *modos de aprender*; *formas de ser*... Nesse sentido, os*



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

referenciais teóricos devem ser buscados no campo de investigação próprio ao que é tematizado (PASSEGGI, 2010, p. 122, grifo da autora).

A contribuição das narrativas no âmbito das pesquisas se configura como espaços para apresentar novas percepções, com base em histórias de vida, à tópicos de pesquisa já existentes, abrindo caminho para novas possibilidades e, quem sabe, escrita de novos tópicos antes não pensados. Destacamos a necessidade de trazer a pessoa surda para a centralidade da discussão, pois o tema toca suas próprias especificidades.

A experiência ganha lugar de destaque e, ao ser compartilhada por meio de narrativas, permite-nos conhecer recordações-referência, lugares e pessoas que foram significativas para a formação e construção da identidade de quem narra. Esse movimento revela que as experiências, que ora se posicionam num lugar individual, também nos dizem muito sobre o contexto global, visto que nosso sistema social é constituído de crenças, valores, atos, sentimentos que estão por inteiro contidos em histórias de vida individuais.

Um olhar interseccional a partir da surdez

Olhando de forma direcionada para os estudos sobre surdez, destacamos a necessidade de trazer a pessoa surda para a centralidade da discussão, pois o tema toca suas próprias especificidades. Com a pesquisa narrativa, entendemos que é possível ser escuta e escrever com os surdos professores de matemática.

Pessoas surdas foram historicamente marginalizadas no contexto escolar e social. Suas trajetórias de lutas pelo reconhecimento cultural e linguístico, frente a um contexto ouvintista, exemplificam diversos momentos de exclusão já vividos (JESUS, 2019). Diante de possíveis movimentos de reparação às exclusões, encontra-se o espaço de se fazer escuta para aprender com as histórias de vida de outros e buscar promover políticas, nesse contexto, educacionais, que respeitem e valorizem as diferenças em detrimento do reforço de estereótipos e processos de exclusão.

Os estudos sobre surdez têm focado o seu olhar, em sua grande maioria, para discussões sobre identidade linguística-cultural, mas estudos sociológicos das últimas duas décadas têm nos ensinado que precisamos entender as pessoas nas suas complexidades, a partir do olhar integrado de marcadores sociais que reforçam suas condições de subalternidade. Deste modo, acolho-me nas palavras de Crenshaw (2002) para incluir um olhar interseccional a discussão.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. [...] Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Quando olhamos para pessoas surdas para além da surdez entendemos elas podem carregar outros marcadores sociais que atravessam suas caminhadas, aqui, em especial, a caminhada acadêmica e profissional. Será que a marginalização de pessoas surdas é resolvida a partir do momento que a elas são garantidos direitos e condições de se comunicar em Libras? Além da questão linguística existem outros marcadores sociais que subalternizam essas pessoas? E como a interseccionalidade, como categoria de análise, nos ajuda a compreender a contribuição desses marcadores para reforçar o lugar de vulnerabilidade de cada pessoa, começando pelo marcador da surdez?

Pessoas surdas residentes em regiões periféricas e do campo continuam tendo maior dificuldade de acesso, permanência e êxito escolar, e enfrentam maiores obstáculos para se alfabetizarem em Libras ainda que ela seja reconhecida como meio oficial de comunicação e expressão, por meio da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002; as mãos que materializam os sinais em Libras e que estão presentes na internet, aplicativos e livros didáticos são, em grande maioria, de cor branca, assim como são brancas a maioria das pessoas surdas que chegaram ao ensino superior. Inclusive a pesquisadora negra surda Priscilla Leonnor Alencar Ferreira informa, em sua dissertação, que no Brasil se optou pela expressão “Negro Surdo”, porque a sociedade olha inicialmente as pessoas pelo marcador raça e depois pela surdez (FERREIRA, 2008).

Talvez o Estado entenda que basta instituir a Libras e, automaticamente, os surdos saem da marginalização e passam a estar socialmente incluídos. Porém, pessoas surdas continuam afastadas de melhores posições no mercado de trabalho, encontram dificuldades para alcançar posições socioeconômicas elevadas e poucas acessam altos níveis de escolarização.

Trajetórias de vida de surdos professores de matemática

Pelo contato com um amigo surdo professor de matemática residente no Espírito Santo, tive conhecimento de outros seis surdos professores de matemática distribuídos pelo Brasil, residentes nos estados de Piauí, Mato Grosso, Goiás, São Paulo, Paraná e Rio Grande



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

do Sul. Os sete professores, sendo cinco homens e duas mulheres, são graduados em Licenciatura em Matemática, porém nem todos atuam como professor de matemática. Três atuam como professor de Libras em universidades federais e quatro atuam na área de matemática no contexto da educação básica. Dos sete professores, três foram escolhidos para participarem da pesquisa, sendo dois homens e uma mulher: Hamilton, Nóbrega e Maria³.

Hamilton, um homem branco, 35 anos, casado e residente no estado do Espírito Santo). Sua família é composta por pessoas ouvintes, então Hamilton, por sua vez, trilhou os primeiros passos da infância de forma solitária. Hamilton nasceu ouvinte, mas aos três meses de idade adoeceu e, após passar por diversos médicos e tomar várias vacinas, recebeu o diagnóstico de surdez.

Eu era o único surdo. Então, vivia sozinho, com minha surdez. No começo eu cheguei a usar o aparelho auditivo. Mas não conseguia captar grandes sons. Eu me identifiquei mais com a questão visual. Entende? Mas eu vivia numa zona rural, Guaçuí. Bom, era um bairro muito pequeno, não era um bairro extenso. Era uma área rural (Hamilton, 2022).

Nóbrega, um carioca, que viveu boa parte de sua vida em João Pessoa, filho de um paraibano e que reside em Teresina-Piauí há oito anos. Esse é Nóbrega, um homem branco, que já foi casado, hoje separado, tem um filho, nasceu surdo e tem quarenta e sete anos “ou seja, bastante jovem” [risos]- [Fala de Nóbrega em durante a entrevista]).

Dentro de casa eu não tinha esse apoio então eu considero que eu sofri um pouquinho nesse processo, porque eu sou o único surdo e minha família não tinha conhecimento da surdez, o que era ser surdo. Tenho duas mães ouvintes. Meus pais são ouvintes. Eu sou o único surdo da família, então realmente foi complicado (Nóbrega, 2022).

Maria, mulher branca, nascida em São Paulo e hoje residente em Mato Grosso, tem 60 anos, professora recém aposentada. Vinda de família pobre e ouvinte, filha de pai árabe e mãe brasileira.

Minha família não conhecia Língua de sinais, eles somente trabalham de forma oralizada. Eu sofri muito. Muitas vezes eles falavam rápido e eu tinha que me esforçar. Minha mãe e irmã quiseram fazer um curso de Libras. Eles conversavam entre eles, mas eu ficava mais isolada, não tinha interação (Maria, 2023).

A entrevista com os colaboradores foi estruturada em quatro eixos temáticos: experiências escolares na educação básica, experiências escolares no ensino superior,

³ Nomes fictícios escolhidos pelos colaboradores.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

experiências docentes e experiências como surdo na sociedade. De forma livre, os participantes foram convidados a narrar histórias de vida dentro de cada tema. Ao final das narrativas, algumas questões foram propostas para que eles complementassem suas narrativas ou apresentassem mais histórias para a entrevista.

Após conhecer suas histórias de vida, constatei que as vivências dos professores são marcadas por diferenças que os marginalizam socialmente e que não se limitam a questão da surdez, atravessando outros marcadores sociais, em destaque para a classe social. Alguns fatores sociais já foram identificados, como a infância vivida no campo longe dos grandes centros, a origem familiar de classe baixa, a pouca escolaridade dos pais, a necessidade de migração da zona rural para a urbana em busca de melhores condições de estudo, o afastamento familiar devido a ascensão financeira e profissional, a marginalização vivenciada como estudante e como professor.

Após realizar as entrevistas, transcrevê-las e materializá-las em narrativas (auto)biográficas, realizei diversas leituras com o propósito de encontrar indícios narrativos potenciais para discussão. Os oito indícios surgiram do encontro e divergência de ideias apresentadas pelos colaboradores, sendo eles: legitimidade profissional, lugar do surdo professor no mercado de trabalho, contexto socioeconômico, infância e família, isolamento discente durante o processo de tornar-se professores de matemática; isolamento docente durante a prática profissional, a invisibilidade social da pessoa surda, matemática e o ensino de matemática, identidade profissional do surdo professor de matemática.

Neste texto, proponho reflexões sobre a “legitimidade profissional”, visto que os três colaboradores trouxeram importantes reflexões sobre suas atuações profissionais ao longo da vida. Compreendi por meio das entrevistas, que a capacitação profissional realizada pelos surdos professores nem sempre implica na legitimação direta de suas atuações profissionais como professores de matemática. Durante as entrevistas eu sempre me questionava, mas por quê? Os colaboradores trouxeram algumas reflexões sobre isso.

Durante a entrevista, Hamilton destacou episódios em que a legitimidade de ser professor de matemática mostrou-se questionável ao longo de suas experiências profissionais:

Sempre se referiam ao intérprete enquanto professor. E aí eu falava, nossa! O professor não é o intérprete, o professor sou eu, professor de matemática não é o intérprete, o intérprete só faz a voz. Mas eu sabia que



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

eu precisava de paciência com as crianças, porque as crianças não entendiam isso. Eu falei, tudo bem, não tem problema, mas eles sempre iam perguntar e tirar as dúvidas com o intérprete. E só tinha 50 minutos para isso, então eu ficava triste porque não se referiam a mim enquanto professor. Um ouvinte veio até mim e se referiu a mim enquanto professor, só que logo depois o professor chegou, falou: Nossa, que legal (Hamilton, 2022).

Na narrativa de Nóbrega também existem indícios que demonstram incertezas da atuação profissional:

A matemática é minha paixão [risos]. É a minha paixão. Você sabe, a afinidade que eu tenho. É minha paixão [pausa e semblante sorridente]. Acho que nunca vai acabar. Eu continuo nas redes sociais, acho que até minha velhice, até o final eu vou ficar ali passando para as pessoas o conteúdo. E Letras-Libras, bom se aceitasse concurso para professor de matemática surdo, seria ótimo, eu ia, mas não tem. A maioria é para ouvintes, as pessoas têm que falar então não tem oportunidade. Então no Letras-Libras consegui passar no concurso, eu consegui entrar porque pode tanto surdo quanto ouvinte. Na matemática seria uma boa para mim, mas eu pergunto, por que professores de matemática apenas ouvintes? Futuramente podem pensar em professores de matemática também surdos. Não é que eu tenha abandonado, deixado a matemática, mas é porque eu não conseguia passar na prova de matemática porque eu falo em Libras e imagina estar numa turma e ficar ali falando em Libras e as pessoas não vão ouvir (Nóbrega, 2022).

Ao afirmar que “a matemática seria boa para mim”, Nóbrega mostra-se enxergar a profissão professor de matemática num lugar distante, improvável, mas desejável, visto que afirma algumas vezes que a matemática é sua paixão. Estou a escrever e recordando do brilho no seu olhar ao falar da sua paixão pela matemática.

Ainda que munidos da certificação que os habilita profissionalmente para a profissão de professor de matemática, a realidade se mostra diferente, visto que suas atuações não são legitimadas por pessoas ouvintes que partilham o chão da escola. O que legitima a profissão professor de matemática quando este professor é surdo?

Em seu texto titulado “Firmar a profissão como professor, afirmar a profissão docente” Antônio Novoa afirma que “a formação é fundamental para construir a profissionalidade docente, e não só para preparar os professores do ponto de vista técnico, científico ou pedagógico (NOVOA, 2017, p. 1131)”. Entretanto, ao se tratar de pessoas surdas, a profissionalidade docente precisa transpor o obstáculo da marginalização profissional causada pelo marcador social da surdez. Ainda que preparado do ponto de vista técnico, científico e pedagógico ser surdo parece estar a margem de ouvintes professores de matemática.

A professora Maria, em contrapartida, trouxe relatos de suas experiências em escolas



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

de surdos em que a legitimidade profissional se faz presente durante sua atuação em sala de aula com estudantes surdos.

Os professores ouvintes não tinham experiências com surdos, e eu já tinha a Língua de Sinais, conseguia estabelecer a comunicação com os alunos e ter esta experiência com os surdos. O aluno precisa visualizar o que está acontecendo de forma concreta [...], o aluno olhava e ficava com foco no que eu estava ensinando, e ele conseguia compreender. Já quando era o professor ouvinte, eles não tinham tanta atenção quanto tinham comigo. O surdo dava atenção para mim por conta do jeito surdo.

Eu pensava que a gente trabalhava eternamente. Não tinha esta questão de aposentadoria. São muitas informações que eu perdi. Quando eu fui convocada no concurso para ser efetiva eu percebi como que faltavam informações, falta informação para a gente que é surdo (Maria, 2023).

Por se tratar de uma escola especializada, Maria parece vivenciar a profissão de professora de forma mais legítima que Nóbrega e Hamilton em suas experiências em escolas comuns. Ainda assim, é possível notar que Maria vivenciou certa marginalização ao se tratar de informações sobre o mundo do trabalho. Tais relatos nos indicam a necessidade de uma formação mais integral para pessoas surdas.

A narrativas ainda indicam que as experiências profissionais nem sempre possibilitam que pessoas surdas se sintam professoras na prática, a exceção das escolas de surdos. Porém tais profissionais tem o direito de exercerem suas profissões em qualquer ambiente escolar, assim como os ouvintes, mesmo que para isso as redes de ensino tenham que passar por um processo de reestruturação para poder receber todas as pessoas, independente de suas especificidades.

As histórias de vida dos colaboradores e as reflexões de Nóvoa (2017) nos deixam como indagação, de que forma precisamos “firmar a profissão como professor e afirmar a profissão docente” para que surdos professores sintam-se incluídos nesta profissão?

Reflexões finais

A tese em desenvolvimento busca compreender, a partir de indícios narrativos, como os percursos formativos e profissionais de surdos professores de matemática podem ser estabelecidos. Até o momento tenho observado que surdos professores de matemática vivenciam percursos pessoais, formativos e profissionais de forma solitária, não tendo parceiros profissionais para partilhar experiências, vivências e estudos. Com apoio de alguns familiares eles foram estimulados a buscar escolarização e profissionalização.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Além da surdez, outros marcadores sociais têm reforçado suas condições de subalternidade. A questão socioeconômica familiar e baixa escolarização dos pais foram pontuados pelos três colaboradores como percalços vivenciados ao longo de suas trajetórias, inclusive para compreensão da surdez, acarretando num isolamento familiar vivenciado durante a infância, visto que os três colaboradores são os únicos surdos de suas respectivas famílias.

Do ponto de vista teórico-metodológico, as narrativas têm permitido enxergar que as histórias de vida individuais remetem a discussões sociais globais, sem perder de vista que cada história é única. Além disso, nos tem permitido aprender com experiências de vida de pessoas historicamente marginalizadas pela cultura ouvintista, garantindo seus espaços de protagonismo sobre suas próprias vidas. Além disso, o movimento não tradicional da pesquisa narrativa, que coloca as pessoas e suas experiências como lugar central e as teorias em lugar secundário, tem possibilitado identificar quais temas da educação matemática tem atravessado a vida de surdos professores de matemática ao longo de suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais.

Referências

CLANDININ, D. J; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. 2aed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CRENSHAW, K. W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos de discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.

Ferreira, P, L, A. **O ensino de relações étnico-raciais nos percursos de escolarização de negros surdos na educação básica**. 2008. 121f. Dissertação (Mestrado em Esnino) - Programa de Pós Graduação em Ensino, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia 2008.

JESUS, T, B de. **A produção científica sobre educação de surdos**: uma análise dos anais do encontro nacional de educação matemática. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13, 2019. Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: SBEM, 2019. p. 1-13.

NOVOA, A. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente**. Caderno Pesquisa, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, dez. 2017. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742017000400002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em outubro de 2022.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

PASSEGGI, M. C. (2010). **Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório.** In: Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação (pp. 103-130). Brasil: Cultura Acadêmica.

PASSEGGI, M. C. **Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña.** Revista Paradigma (Edición Cuadragésimo Aniversario: 1980-2020), v. XLI, p. 57-79, jun. 2020. Disponível em:
<http://revistaparadigma.online/ojs/index.php/paradigma/article/view/929>. Acesso em: 13 dez. 2021.

SOLIGO, R. ; SIMAS, V. F. . Pesquisa Narrativa em Três Dimensões. In: VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. **Entre o público e o privado:** modos de Viver, Narrar e Guardar, 2014, Rio de Janeiro. Programa e Anais Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica.. Rio de Janeiro: BIOgraph, 2014. p. 414-425.